



Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas
no marco dos 60 anos da UnB

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos
(Organizadoras)

EDITORA
UnB 60



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas
no marco dos 60 anos da UnB

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos
(Organizadoras)

EDITORA
UnB 60 

Equipe editorial

Coordenação de produção editorial : Marília Carolina de Moraes Florindo

Revisão : Denise Pimenta de Oliveira
: Emily Dias de Matos

Projeto gráfico : Cláudia Dias

Foto de capa : Inês Ulhôa / Editora UnB

Ilustrações : Petchó Silveira

Fotos de ilustrações : Carlos Borges

© 2022 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta
publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por
qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília
Camila Moreira Mendes Barcelos – CRB 1/2193

V111 Vá no seu tempo e vá até o final : mulheres negras
cotistas no marco dos 60 anos da UnB / Dione
Oliveira Moura, Deborah Silva Santos
(organizadoras). – Brasília : Editora
Universidade de Brasília, 2022.
168 p. ; 27 cm.

ISBN 978-65-5846-127-2 (impresso).
ISBN 978-65-5846-121-0 (e-book).

1. Mulheres negras. 2. Universidades e
faculdades - Ingresso. 3. Programas de ação
afirmativa na educação. 4. Universidade de
Brasília - História. I. Moura, Dione Oliveira
(org.). II. Santos, Deborah Silva (org.).

CDU 378.014 (09)



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Sumário

Apresentação

“Quando as mulheres negras se movem...” 9

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos

Parte 1

Nossos passos vêm de longe

Jornalista, professora, pesquisadora negra americana e relatora do projeto da política de ações afirmativas da UnB: a vivência de uma epistemologia afrocentrada 17

Dione Oliveira Moura

Ações afirmativas para estudantes cotistas na UnB 23

Deborah Silva Santos

Vinte anos do EnegreSer:

aprender e fazer História com o movimento negro 29

Aida Feitosa

Parte 2

Nós, mulheres negras americanas, na construção da história da UnB

O papel histórico da primeira turma de cotas raciais na UnB 37

Aline Pereira da Costa

Alegria da experiência como cotista negra 43

Andressa Marques da Silva

E agora sou eu que vivo esta história! 47

Anna Caroline Costa Silva

Uma revoada em curso 49

Camila Cecilina do Nascimento Martins

Cotas para negros despertam a consciência para os problemas sociais relacionados a raça e cor 53

Dalila Noletto Torres

“Isso é por eu ser uma mulher preta?” 59

Deborah Carolina Silva Duarte

É desta terra fértil que nasce e floresce muito do que sou e do que faço 63

Elen Cristina Ramos dos Santos

Na UnB, aprendemos a nos posicionar politicamente para as lutas sociais 69

Flora Egécia

Nossas vidas importam 73

Hallana Moreira Ramalho Costa

O sistema de cotas para negros é, sim, um direito 79

Iara de Jesus dos Santos

A primeira da família a ingressar no ensino superior 85

Juciele Fonseca

Explorar tudo o que a UnB pode oferecer 87

Julian Esttefane da Silva Reis

O papel das professoras negras e antirracistas para a inclusão das cotistas negras 91

Kátia Silene Souza de Brito

Transcender como negra a cada dia 97

Keila Meireles dos Santos

A importância do sistema de cotas para negros na minha trajetória 101

Letícia Bispo

Ocupar um espaço que pertence ao povo negro 107

Maria Antônia Perdigão

Sou uma mulher negra, fui criada por mulheres negras e me inspiro nessas mulheres 115

Mariana Paiva Soares

O empoderamento a partir do ingresso na Universidade como cotista racial 119

Michele Duarte da Silva

Nós, negros e negras, somos capazes e merecemos estar na UnB 127

Vitória Carolina Silva Duarte

O empoderamento para contribuir com a comunidade quilombola e a região 131

Maria Lúcia Martins Gudinho

Parte 3

Celebrar as vitórias e avançar

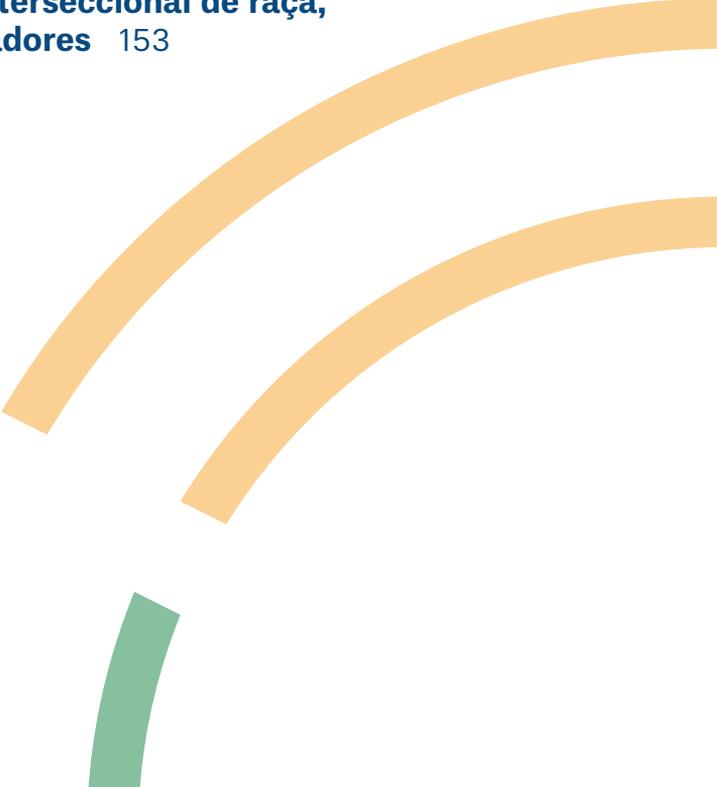
À guisa de conclusão: 60 anos da UnB, 19 anos da política de ações afirmativas na UnB 143

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos

Posfácio – Uma abordagem interseccional de raça, gênero, classe e outros marcadores 153

Renísia Cristina Garcia Filice

Sobre as autoras 161







A large, thick yellow graphic element consisting of two intersecting diagonal lines that form an 'X' shape, crossing in the center of the page. The lines extend from the corners towards the center.

Parte 3

Celebrar as vitórias e avançar



À guisa de conclusão: 60 anos da UnB, 19 anos da política de ações afirmativas na UnB

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos

A Universidade de Brasília celebra seus 60 anos em 2022 com diversas conquistas, algumas históricas, como foi, no ano de 2003, a instauração da política de ação afirmativa para jovens negras e negros e para jovens indígenas. Em 2022, a UnB completa 60 anos e, em 2023, a política de ações afirmativas da UnB completará 20 anos. Duas histórias eminentemente inter-relacionadas, com muitas conquistas e, ainda, com desafios a superar.

Os depoimentos das mulheres negras amefricanas que trouxemos na nossa coletânea no marco dos 60 anos da UnB, registradas na parte II, “Nós, mulheres negras amefricanas, na construção da história da UnB”, demonstram o lugar das ações afirmativas na vida – identidade, carreira, trajetória e consciência histórica – de cada uma das mulheres negras (Mulheres Negras/Rosas Negras – amefricanas, como disse/diria Lélia Gonzalez), que aqui trouxeram riquíssimos depoimentos, plenamente inseridos na sócio-história, com todo o desafio de desenhar um cenário no qual também estamos inseridas como seres sociais (Buton, 2009). Pois bem, vejamos como dialogam, nesse retrato sócio-histórico, os depoimentos das mulheres negras amefricanas da UnB quanto aos temas identidade, trajetória acadêmica e carreira profissional e, por fim, consciência histórica – tópicos que estavam sinalizados no roteiro dos textos-convite que as autoras receberam.

Amefricanidades

Neuza Sousa (1990) nos alerta que nos tornamos negras e negros inseridos em um processo histórico de construção de identidade. A autora traz, sobretudo, uma obra inovadora, por colocar em diálogo a psicanálise e a vivência do racismo. Na dissertação de mestrado intitulada *Memória e identidade em filmes de cineastas negros brasileiros* (Moura, 1991),

esse fenômeno de construção identitária também é localizado, nesse caso, por meio da memória. E foi exatamente o processo de memória que acionamos ao convidar nossas 21 autoras a escreverem estes textos, solicitando que nos narrassem desde as origens familiares e a escolarização como crianças negras (Pinto, 1987; Gusmão, 1997; Alves, 2014) até o ensino superior, perpassando pela importância das educadoras negras em suas vidas (Roberto, 2014).

E, nesse narrar, surge a construção da identidade de nossas autoras como mulheres negras em relatos carregados de amefricanidade (Gonzalez, 1988), como vemos, por exemplo, no seguinte trecho de Dalila Torres, doutoranda em Ciências Sociais, autora do capítulo “Cotas para negros despertam a consciência para os problemas sociais relacionados a raça e cor” da nossa coletânea:

Em termos raciais, sempre fui a única negra, pois a família de minha mãe é de origem italiana, com mistura com caboclos, e se reconhece como branca. Inclusive já ouvi diversos relatos de comportamentos racistas e preconceituosos de membros da família. Minha bisavó disse à minha mãe que ela não era mais sua neta pois namorava com um negro, meu pai, por exemplo. Nesse sentido, nunca tive problemas com minha autoidentificação como pessoa negra, mesmo tendo tido consciência de que minha pele seria clara demais para algumas pessoas, anos depois. Mesmo assim, minha mãe/avó conta que eu, quando bem pequena, pedia para tomar banho pois estava suja, pela cor da minha pele. Só deixei de ser a única negra da família quando um tio/avô adotou uma menina negra e depois, quando eu ia fazer 15 anos, minha irmã caçula nasceu, também negra. Nunca tive muito contato com meu pai biológico ou minha família do lado paterno. Hoje isso vem mudando (Grifos nossos).

Essas construções identitárias envolvem autodefinição e autodeterminação e significam muito na nossa existência de mulheres negras amefricanas, como traz a graduada em Biblioteconomia e mestra em Sociologia Keila dos Santos, autora do capítulo “Transcender como negra a cada dia” da nossa coletânea:

As identidades significativas que apresentam minhas potencialidades de autodefinição e autodeterminação perpassam pela minha condição de mulher negra, nascida em 30 de agosto de 1985 no seio de uma família empobrecida na região oeste da Bahia, localizada no Médio São Francisco. Sou filha de mãe solo, na época marcada como “mãe solo” (Grifos nossos).

Trajetória acadêmica e carreira profissional

Nos relatos, percebemos que o lugar da escola/da universidade, do ambiente acadêmico, ecoa o papel desse espaço no processo de socialização (Dubar, 1999), de uma perspectiva mais ampla, e, sobretudo, de forma mais específica, ressoa os estudos sobre o processo de socialização das mulheres negras, o qual passa também muitas vezes pela militância e, ainda, tem particularidades no ambiente escolar no contexto brasileiro (Silva, 2016),

a exemplo do que traz a mestra em Relações Étnico-Raciais e educadora social Aline Pereira da Costa, autora do capítulo “O papel histórico da primeira turma de cotas raciais na UnB”:

Em maio de 2010, ingressei na carreira pública de assistência social, no cargo de educadora social, para atuar com abordagem social junto à população de rua no Distrito Federal. Um imenso desafio, recheado de grandes aprendizados. *Nos anos que se seguiram, desenvolvi minha atuação profissional juntamente com a acadêmica.* Me tornei especialista em adolescência e juventude pela Universidade Católica de Brasília, com um Trabalho de Conclusão de Curso sobre o extermínio da juventude negra, um estudo totalmente relacionado com *minha práxis militante*, a partir do meu envolvimento na rearticulação da Pastoral da Juventude de Brasília em 2011 e 2012 e, em seguida, de minha participação no Fórum de Juventude Negra do Distrito Federal até o ano de 2015 e também no Movimento Negro Unificado (MNU) até os dias atuais (Grifos nossos).

Também na rotina de escolarização, incluindo a universidade, surge o entrelaçar das histórias individuais e dos processos sociais de carreira e trajetória, como relata a graduanda em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda Anna Caroline Costa Silva, autora do capítulo “E agora sou eu que vivo esta história!”:

Hoje valorizo demais tanto a Universidade quanto a Faculdade de Comunicação, pois são lugares com pessoas excelentes, que me proporcionaram uma experiência que nunca imaginei que pudesse ter, com conhecimentos acessíveis, apesar das lutas e quedas. *E eu sempre vou me emocionar com esse momento, em saber que eu, uma mulher negra, com pais negros, consegui chegar onde estou e reconhecer isso; em ver do que sou capaz, me orgulhar do meu esforço tanto de estudar quanto de me levantar de madrugada para pegar o ônibus e conseguir frequentar o lugar com que sempre sonhei, a partir do qual hoje produzo conhecimento (Silva; Marra; Lopes, 2022), e que só via pela televisão. Agora sou eu quem está vivendo essa história* (Grifos nossos).

Essas rotinas de construção educacional passam pelas políticas públicas e pela persistência das famílias negras no incentivo e apoio de seus membros, como relata a autora graduada em Audiovisual e mestranda em Comunicação Letícia Bispo, autora do capítulo “A importância do sistema de cotas para negros na minha trajetória”:

Minha família, como tantas de Brasília, é de origem nordestina – do Maranhão e do Piauí –, pobre e majoritariamente negra. São muitas as histórias que têm em comum a busca por uma vida com oportunidades para as gerações seguintes. *Minha avó, Maria das Dores Moraes da Silva, foi o meu maior exemplo. Gostava de ler desde criança, foi incentivada pelos pais. Em Brasília, era mãe solo de quatro filhas quando concluiu a graduação em Pedagogia e se tornou professora. Acredito que a integridade e a persistência de minha avó abriram os caminhos para todas as outras mulheres negras da família: para suas irmãs mais jovens, para as filhas e para as netas* (Grifos nossos).

O mesmo vemos na tônica de outra autora de nossa coletânea, a licenciada em Ciências Naturais e educadora Michele Duarte da Silva, no capítulo “O empoderamento a partir do ingresso na Universidade como cotista racial”:

Com o sonho de fazer uma faculdade e ser uma profissional mais qualificada, *[minha mãe] decidiu voltar a estudar. No ano de 2017, concluiu o ensino médio. Ela cursou o supletivo em uma escola pública, perto da nossa casa, à noite. Com todos os desafios e enfrentando a vontade de desistir, conseguiu se formar sem ser reprovada em nenhuma etapa.* Ela passou mais tempo na escola que meu pai, pois tinha parado de estudar no primeiro ano do ensino médio. No ano em que escrevo este relato para o livro, 2021, conseguiu ingressar em uma instituição de ensino superior, e hoje cursa o segundo semestre do curso de Estética e Cosmética. É a única das irmãs que já finalizou o ensino médio e que frequenta o nível superior. Minha mãe é um orgulho para nossa família, sua história de superação nos engrandece. Ela é um exemplo para outras mulheres que precisaram primeiro trabalhar para levar o sustento para suas casas e agora, com os filhos e filhas criados, estão correndo atrás de uma melhor qualificação acadêmica (Grifos nossos).

É peculiar perceber a amplitude da trajetória acadêmica e da carreira profissional em conexão com o entorno e o contexto social, como no depoimento de uma das autoras da coletânea, a licenciada em Educação do Campo e especialista em Língua Portuguesa Aplicada Maria Lúcia Martins Gudinho, no capítulo “O empoderamento para contribuir com a comunidade quilombola e a região”, no qual reflete sobre o impacto de sua profissionalização na comunidade quilombola em que atua:

Posso afirmar que a *Licenciatura em Educação do Campo da FUP-UnB, que concluí em dezembro de 2017, mudou completamente minha vida, me deu a oportunidade de ir além da formação em sala de aula, por meio de intercâmbio internacional, e pude contribuir com minha comunidade, com a região em que moro, me inserindo como membro das associações locais e contribuindo na organização e tomada de decisões* (Grifos nossos).

Consciência histórica

Nossas autoras ecoam o pressuposto “nossos passos vêm de longe” – fundamental na perspectiva do feminismo negro –, que representa a ancestralidade familiar e sócio-histórica, como vemos em diversos depoimentos das autoras de nossa coletânea, como no da graduada de Biotecnologia Deborah Duarte, no capítulo “Isso é por eu ser uma mulher preta?”:

Eu sou a terceira filha de um casal birracial, sendo meu pai – Paulo Roberto – um homem branco e de família de classe média, nascido no Rio de Janeiro, e minha mãe – Lucimara Aparecida – uma mulher preta e de família pobre, nascida em São Paulo. Aos 20 anos meu pai se mudou para São Paulo, onde arrumou um emprego como segurança de shopping, e conheceu minha mãe,

que morava na mesma rua que ele. Minha mãe, por sua vez, já trabalhava desde seus 11 anos de idade como office girl, chegando a se tornar a primeira analista preta da empresa. *Ela não pôde fazer ensino médio regularmente, por conta do trabalho, e então fez um supletivo e um curso técnico em Contabilidade. Posteriormente, se formou em Direito pela Faculdade de Direito São Bernardo do Campo, sendo a primeira da família a se graduar no ensino superior* (Grifos nossos).

E esse vir de longe – “dos passos que vêm de longe” – espelha-se, em muitos dos textos da nossa coletânea, nas referências à ancestralidade (nossas avós e avôs, nossas mães e pais, nossas tias e tios – como os relatos citados anteriormente e a seguir – e nossas professoras – como os relatos que citaremos adiante). Essa ideia de ancestralidade está muito presente também no relato da autora advogada popular e mestranda em Direito Camila Martins, no capítulo “Uma revoada em curso”:

Nos passos para adiante espero aprender cada vez mais com o povo negro, com as mulheres negras, no campo, na cidade, na universidade, no trabalho, nessa estrada, que, espero, seja longa e de fortalecimento das lutas afrocen-tradas (Grifos nossos).

Sabe-se que é do movimento das mulheres negras e do movimento negro o nascedouro das legislações que trataram da inclusão da pauta racial no cenário nacional, a exemplo da Lei nº 10.639/2003, do Estatuto da Igualdade Racial (Lei nº 12.288/2010) e da Lei de Cotas Raciais (Lei nº 12.711, 2012). O movimento negro estudantil, também no caso da UnB, esteve muito presente no processo de consciência histórica das autoras da nossa coletânea, como traz a graduada em Letras e mestra e doutora em Literatura Andressa Marques da Silva, autora do capítulo “Alegria da experiência como cotista negra”:

Em 2003, quando eu cursava o terceiro ano, meu professor de Filosofia promoveu um debate sobre cotas raciais após minha sugestão. Naquela ocasião, estudei e fui a parte defensora do tema. Aquele momento me fortaleceu sobremaneira e pude compreender meus direitos e me inscrever para o primeiro vestibular da UnB com cotas raciais muito ciente do que estava por trás daquela grande oportunidade. Quando fui me inscrever para o vestibular em 2004, o que ainda era feito presencialmente, conversei com um jovem casal que ali estava divulgando as cotas raciais aos candidatos. *Eles eram do EnegreSer, grupo que lutou para que as cotas fossem implementadas e que depois se tornou parte da minha história na graduação* (Grifos nossos).

Também o movimento negro estudantil, por meio do EnegreSer, surge matizando o processo de construção da consciência histórica de outra autora da nossa coletânea, a jornalista, analista ambiental e doutoranda em Comunicação Aida Feitosa, no capítulo “Vinte anos do EnegreSer: aprender e fazer História com o movimento negro”:

Se hoje consegui me tornar analista ambiental concursada do Ministério do Meio Ambiente, mestra em Comunicação pela UnB e doutoranda em

Comunicação e Cultura na Universidade do Rio de Janeiro foi graças à minha graduação na UnB. *E se consegui concluir minha graduação foi graças às trocas, às ações e aos movimentos gerados com a criação do EnegreSer.* Meus avós paternos e maternos e grande parte dos meus tios e das minhas tias não foram alfabetizados na língua portuguesa. Meu pai e minha mãe, ao migrarem do interior de Goiás e do Pará para Goiânia, nos anos 1970, deram um salto e concluíram o ensino superior em Engenharia e Contabilidade, respectivamente. Durante meus anos de formação, a educação escolar sempre foi valorizada e incentivada como uma grande prioridade. Em 2023, quando concluir o doutorado, serei a primeira pessoa com esse título em toda a família ampliada, tanto do lado de minha mãe como do lado de meu pai (Grifos nossos).

Prolonga-se um pensar-se mergulhado na historicidade, a qual vê no próprio sistema de cotas para negros da UnB uma força e valor social que bem demarcam o horizonte de 60 anos da Universidade, como traz o relato da designer, cineasta e mestranda Flora Egécia, no capítulo “Na UnB, aprendemos a nos posicionar politicamente para as lutas sociais”:

Em 2021 me inscrevi, também pelo sistema de cotas, no processo seletivo do mestrado em Design na UnB (PPGDesign). [...] *Vida longa à Universidade de Brasília, espaço que, positivamente, marcou e marca a minha vida e a de muitos/as outros/as jovens negros/as no Brasil* (Grifos nossos).

A técnica de som direto, graduada em Audiovisual e graduanda em Direito, Juciele Fonseca, autora do capítulo “A primeira da família a ingressar no ensino superior” da nossa coletânea, também traz a potência do espaço da formação universitária:

Considero que habitar a UnB, *esse microcosmo cultural e intelectual situado no meio da capital do Brasil*, foi um dos maiores presentes que eu poderia ter recebido e possibilitou minha inserção no mercado cinematográfico brasileiro como técnica de som direto. Apesar de hoje estar cursando o segundo semestre do curso de Direito na Universidade de São Paulo, a UnB segue sendo o espaço onde aprendi a me comunicar academicamente, a compreender questões que vão muito além das minhas experiências pessoais e a enxergar que, como mulher, negra e pobre, também posso contribuir, por meio do encontro com outras mulheres negras e periféricas, na pluralização desses espaços que por tanto tempo nos foram negados (Grifos nossos).

Outro aspecto a ser destacado é a importância do fundamental tripé ensino/pesquisa/extensão, base histórica das universidades públicas, na trajetória dessas estudantes, como relatado pela autora graduada em Pedagogia e professora Julian Esttefane Reis no capítulo “Explorar o tudo o que a UnB pode oferecer”:

Ao descobrir o mundo da Universidade de Brasília, me aventurei a explorar tudo o que a UnB podia me oferecer. Transitei por seu tripé de pesquisa, ensino e extensão, usei buscar conhecimento em diversas faculdades, institutos e departamentos fora do meu curso de origem, participei de diversas

atividades universitárias ofertadas pelos decanatos e, ao fazer estágio não obrigatório na reitoria, consolidei minhas experiências ao entender o funcionamento interno da Universidade, uma fundação de personalidade jurídica própria (Grifos nossos).

A UnB, que há 60 anos é espaço de formação, e ainda hoje multiplica-se e expande-se, promoveu a pós-graduação de várias das autoras da coletânea, como também é o caso da engenheira mecânica, mestra em Engenharia Mecânica e doutoranda Vitória Carolina Duarte, que relata sua experiência no capítulo “Nós, negros e negras, somos capazes e merecemos estar na UnB”:

O estudo sempre fez parte da minha vida, não apenas para me profissionalizar, mas também por ser algo que mantém minha mente ativa. Terminei o mestrado em Ciências Mecânicas na UnB (Duarte, 2022) e utilizei, na pesquisa, inferência bayesiana (um método de estatística) para estimar parâmetros de uma viga por meio de uma resposta dinâmica. Já tenho um artigo publicado e pretendo publicar outros. Esse trabalho é o pontapé inicial da minha vida acadêmica, que pelo visto não para. *Gosto sempre de salientar que fui a primeira da minha família a me formar numa universidade pública, assim como a primeira a ter mestrado. Isso só foi possível devido ao apoio das mulheres incríveis que me criaram* (Grifos nossos).

Iara dos Santos, jornalista autora do capítulo “O sistema de cotas para negros é sim um direito”, fala de uma UnB que de sonho torna-se realidade:

Por fim, lá estava eu na UnB, *aquele lugar com que sempre sonhei, mesmo sem saber direito disso durante o ensino médio*. Vir de família humilde, formada por pessoas que nunca estiveram nesse espaço antes, fazia com que a Universidade fosse um ideal distante, pois eu não sabia como chegar até lá, só sabia que queria (Grifos nossos).

Nosso papel histórico do coletivo de professoras negras da UnB na agenda antirracista também aparece nos relatos da presente coletânea, a exemplo do capítulo “O papel das professoras negras e antirracistas para a inclusão das cotistas negras”, de Kátia Silene Souza de Brito, mestranda em Museologia:

Foi por intermédio de professoras negras e antirracistas, dos projetos de extensão e iniciação científica, de seminários, cursos, debates, discussões, encontros, congressos e exposições que pude perceber o quanto era importante me manter firme na conclusão da graduação na UnB (Grifos nossos).

A ele se soma também o papel de nós professoras negras da UnB no marco dos 60 anos da Universidade, como pontua Maria Antônia Perdigão, jornalista e mestranda em Comunicação, no capítulo “Ocupar um espaço que pertence ao povo negro”:

As cotas têm sido fundamentais para transformar a realidade da população negra. Não tive professores negros durante minha graduação. *Estar no mestrado do PPG/FAC da UnB e ter a oportunidade de ser orientada por uma professora negra é muito representativo.* É dizer, sem mencionar sequer uma palavra, que esse espaço branco e patriarcal também é nosso. É mostrar para as futuras gerações que a senzala, a cozinha, ou qualquer outro lugar de subalternidade que a histórica marginalização social nos impõe, já não nos cabe mais (Grifos nossos).

A autora Elen Cristina Ramos, licenciada em Ciências Sociais e mestranda, no capítulo “É desta terra fértil que nasce e floresce muito do que sou e que faço”, também pontua: “concluí minha graduação tendo como tema do Trabalho de Conclusão de Curso uma intelectual negra, Lélia de Almeida Gonzalez, amparada por uma outra intelectual negra”.

O apoio de professoras negras e professores negros também está registrado no relato da autora Hallana Costa, jornalista e mestranda, no capítulo “Nossas vidas importam”:

Em meio aos percalços da vida acadêmica, fui seguindo, às vezes devagar, quase parando, outras vezes, correndo sem parar. Tive vários momentos de desesperança e quis abandonar o curso, mas consegui chegar até o final. Faço questão de ressaltar que o total apoio dos meus pais e o acesso aos auxílios assistenciais da UnB foram fundamentais para que eu pudesse me manter na graduação. *Destaco também que a mentoria e o acolhimento de professores negros da Faculdade de Comunicação, como o professor Elton Bruno, a professora Dione Moura e a professora Kelly Quirino, me fortaleceram muito nesse processo* (Grifos nossos).

E, assim, as histórias que trazem nossas autoras convidadas redesenham a história da UnB e a história da educação brasileira, entrelaçam com a história de nós mulheres negras amefricanas e com a história de nossas e nossos ancestrais. Tais relatos plantam sementes para nossas gerações futuras, fortalecem e ampliam os horizontes de nós mulheres negras amefricanas, horizontes ainda minorizados, mas em transformação, por um mundo melhor, melhor para todas.

Referências

ALVES, Antônia Regina S. A. A Construção da Identidade das Crianças Afrodescendentes na Escola. In: CINTEDI, 1., 2014. *Anais [...]* Campina Grande: Editora Realize, 2014. v. 1. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/8315>. Acesso em: 12 abr. 2022.

BUTON, François. Portrait du politiste en socio-historien: la “socio-histoire” dans les sciences politiques. In: BUTON, F.; MARIOT, N. (dir.). *Pratiques et méthodes de la socio-histoire*. Paris: PUF, 2009.

DUBAR, Claude. *La socialisation*. Construction des identités sociales et professionnelles. Paris: Armand Colin, 1999.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Fundo de memória: infância e escola em famílias negras de São Paulo. *Cadernos Cedes*, v. 18, n. 42, ago. 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/x8FGgd5ZtjxMXJg9CQWfVdK/?lang=pt>. Acesso em: 30 set. 2021.

MOURA, Dione Oliveira. *Memória e identidade em filmes de cineastas negros brasileiros*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, 1991.

PINTO, Regina Pahin. A educação do negro: uma revisão da bibliografia. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n. 62, ago. 1987.

ROBERTO, Joanna de Ângelis Lima. *Educadoras negras: construções docentes, de raça e de gênero*. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) – UFRJ, 2014.

SILVA, Luiza Maria Alves da. *Mulheres negras e suas práticas de socialização escolar: afirmando direitos, desafiando preconceitos*. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Docência Promestre) – UFMG, 2016.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.



Sobre as autoras

Dione Oliveira Moura (organizadora)

Professora titular da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB). É graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás (1986), mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (1990) e doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (2001). Na Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), atuou como sócia fundadora, diretora editorial (2004-2005 e 2006-2007), coautora do projeto editorial da *Brazilian Journalism Research* (BJR) (2004) e presidenta (2011-2013). Foi diretora da Socicom e atualmente é diretora regional Centro-Oeste da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (Abej). Na UnB, é docente do quadro desde setembro de 1995 e atuou em funções administrativas e acadêmicas, na vice-chefia e chefia do Departamento de Jornalismo, na Coordenação de Graduação, na Coordenação de Pós-Graduação e na Diretoria de Apoio à Pós-Graduação do Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação. Atualmente, é diretora da FAC (Gestão 2019-2023). Também na UnB atuou e atua em conselhos e câmaras, como o Conselho Universitário (Consuni), o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), dentre outros. No que diz respeito ao tema central deste livro, foi eleita pelo Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (Cepe) da UnB como relatora do processo de implantação da política de cotas e ingresso de indígenas na UnB, quando da aprovação do Plano de Metas para a Integração Social Étnica e Racial da UnB pelo Cepe em 6 de junho de 2003; e, além disso, desenvolve pesquisas e orienta projetos de pesquisa relacionados a jornalistas negras e igualdade racial.

Deborah Silva Santos (organizadora)

Doutora em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT) – Lisboa/Portugal. Mestra em História Social pela PUC/SP. Especialista em Museologia Avançada pelo Instituto de Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Historiadora pela PUC/SP. Atualmente é professora na Universidade de Brasília (UnB), atuando no curso de Bacharelado em Museologia. Ex-aluna do Workshop de Dissertação Mark Claster Mamolen (2018) do Afro-Latin American Research Institute/Harvard University. Pesquisadora do grupo de pesquisa Museologia, Memória e Patrimônio do PPGCInF da FCI/UnB. Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa

em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e Gênero (GEPPHERG). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro (NEAB/CEAM/UnB). Áreas de pesquisa: museu e Museologia, estudos das relações raciais, mulheres negras, memória e patrimônio afro-brasileiro e museus afro-brasileiros.

Aida Feitosa

Atua profissionalmente como jornalista, analista ambiental, professora e pesquisadora. Como ativista do movimento negro brasileiro, participou da criação do EnegreSer (Coletivo de Estudantes Negros da UnB), fundado em 2001; integra a Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial (Cojira); e integra o Coletivo Beatriz Nascimento (que reúne estudantes negros e indígenas da Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ). Graduada e mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Aline Pereira da Costa

Graduada em 2008 pela UnB. Mestra em Relações Étnico-Raciais pelo Cefet/RJ em 2019. Também se especializou em Adolescência e Juventude pela Universidade Católica de Brasília em 2012. Foi bolsista (2005-2008) e vice-coordenadora do Programa Afroafroafro UnB entre os anos de 2009 e 2010, quando ingressou na carreira pública de assistência social do Governo do Distrito Federal. Chefiou o Núcleo de Afroempreendedorismo da Secretaria de Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos (2015) do GDF e compôs o Comitê de Equidade de Gênero e Raça do Senado Federal (2020). Atualmente, trabalha como educadora social na Secretaria de Desenvolvimento Social do GDF e integra o Núcleo de Pesquisa e Estudo em História, Territorialidades e Movimentos Sociais da Universidade Estadual do Piauí.

Andressa Marques da Silva

Graduada em Letras pela UnB, mestra e doutora em Literatura pela UnB. Atua na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal na elaboração de documentos norteadores e acompanhando as políticas públicas da instituição voltadas para os/as estudantes negros/negras e também em um projeto de formação de leitores a partir da experiência literária, especialmente com autoras negras.

Anna Caroline Costa Silva

Bacharela em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB); moradora de Brazlândia-DF e bolsista de extensão do Projeto Comunicação Comunitária (ComCom) da FAC-UnB.

Camila Cecilina do Nascimento Martins

Mestranda em Direito na UnB. Leonina, piauiense, afro-indígena, advogada popular. Associada do Coletivo Antônia Flor – Assessoria Técnica em Direitos Humanos do Piauí. Especialista em Direitos Humanos e Cidadania pela Faculdade Adelman (FAR).

Dalila Noleto Torres

Doutoranda em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas (PPGECsA) do Departamento de Estudos Latino-Americanos (ELA) do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora visitante (em estágio-sanduiche) na Universidad Centroamericana en Managua, Nicarágua. Mestre em Estudos Latino-Americanos pelo Teresa Lozano Long Institute of Latin American Studies (LLILAS) da University of Texas at Austin (UT Austin). Graduada em Ciência Política pela Universidade de Brasília. É membro do Grupo de Estudos sobre México, América Central e Caribe (MeCACB/ELA) e do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Gênero (GREIG/ELA).

Deborah Carolina Silva Duarte

Graduada em Biotecnologia na UnB. Membro da Genesys Biotecnologia (Empresa Júnior) de 2017 a 2020, onde foi assessora dos setores administrativo e financeiro de agosto de 2017 a dezembro de 2018; diretora dos setores administrativo e financeiro de janeiro de 2019 a junho de 2019; diretora de operações de julho de 2019 a dezembro de 2019; e vice-presidente de janeiro de 2020 a dezembro de 2020. Estagiou no Laboratório de Fisiologia Vegetal da UnB do segundo semestre de 2019 ao primeiro semestre de 2020 e no Laboratório de Biologia Forense da Polícia Civil do DF de junho de 2021 a agosto de 2021.

Elen Cristina Ramos dos Santos

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGS/UFRGS). Licenciada em Ciências Sociais e Bacharela em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB).

Flora Egécia

Designer e cineasta, graduada em Desenho Industrial pela UnB e mestranda em Design no PPGDesign IdA/UnB. Em sua trajetória realiza diversos projetos sobre raça, gênero, saúde mental e política. É sócia do Estúdio Cajuína e recebeu, em 2017, o Prêmio do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal no eixo Culturas Afro-brasileiras. Diretora do documentário *Das Raízes às Pontas* (2015), dentre outras produções.

Hallana Moreira Ramalho da Costa

Bacharela em Jornalismo pela Universidade de Brasília (2020). Jornalista profissional, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília.

Iara de Jesus dos Santos

Jornalista, graduada em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB). Ingressou na UnB em 2015; defendeu, em 2021, o TCC *Ir à luta e garantir nossos espaços: Marcha das Mulheres Negras, memórias e novas vivências*. Participou da empresa júnior Pupila Audiovisual como membro de produção, direção de arte e como diretora de capacitação entre 2016 e 2018. Atualmente é produtora no “Canal Empreender”, na TV fechada, parceria entre o grupo Bandeirantes e o Sebrae.

Juciele Fonseca

Técnica de som direto de Brasília, graduada em Audiovisual pela Universidade de Brasília. Dentre os trabalhos realizados profissionalmente como técnica de som, destacam-se os documentários em longa-metragem *Mundo Pequeno* (Gustavo Amora, 2018), *Sementes – Mulheres pretas no poder* (Júlia Mariano) e *Confluências* (Dacia Ibiapina), além dos curtas-metragens *Mens who Talk* (Cristin Noelle, 2020), *Filhas de Lavadeira* (Edileuza Penha, 2018), dentre outros.

Julian Esttefane da Silva Reis

Graduada em Pedagogia pela UnB. Estuda Sociologia da Educação com foco no acesso e permanência no ensino superior. Professora temporária da Secretaria da Educação do Distrito Federal (SEEDF).

Kátia Silene Souza de Brito

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPG-CINF) da UnB e graduada em Museologia pela Faculdade de Ciências da Informação da mesma Universidade (FCI/UnB). Foi bolsista de iniciação científica (Pibic), com pesquisas nos temas Museologia, memória e patrimônio, Museologia virtual e cibermuseologia: estudos conceituais, mapeamentos e análise de manifestações virtuais museais e patrimoniais. Atualmente integra o grupo de pesquisa MUSEOLOGIA LAB: Laboratório de Pesquisa em Cultura digital e Museologia Virtual.

Keila Meireles dos Santos

Mestra em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS/UFF), especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana pela Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG), graduada em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília. Tem interesse em estudos sociológicos, Ciência da Informação com foco em produção e disseminação de culturas voltadas para jovens, atuando especificamente nos seguintes temas: juventude, gênero, raça/etnia, ação afirmativa e movimento *hip hop*. De 2017 a 2019 trabalhou como servidora analista de gestão governamental da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Servidora bibliotecária-documentalista da Universidade Federal de Uberlândia (UFO).

Letícia Bispo

Bacharela em Comunicação Social/Audiovisual pela Universidade de Brasília, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Trabalha como curadora, pesquisadora e crítica nas áreas de cinema e audiovisual. É técnica-administrativa em educação, na área de audiovisual, na Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília.

Maria Antônia Perdigão

Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação (PPG/FAC) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora no eixo temático racial, atua há mais de uma década no mercado como jornalista, assessora de imprensa e *social media*. Tem vasta experiência em áreas como política, Poder Legislativo e projetos de iniciativas socioambientais. Ao longo de sua trajetória, trabalhou na Câmara dos Deputados e na Executiva Nacional de partidos políticos. Atualmente é gestora das atividades de Comunicação Social de organizações não governamentais e entidades filantrópicas.

Maria Lúcia Martins Gudinho

Graduada em Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação na área de Línguas (Língua Portuguesa, Espanhol, Artes, Teatro e Literatura), na Universidade de Brasília. Membro da Coordenação Pedagógica do Projeto Residência Jovem. Monitora do Núcleo Territorial Kalunga. Fez graduação-sanduíche na Universidade Anton de Kom (Suriname). Especialista em Língua Portuguesa Aplicada ao Ensino Básico – Faculdade UnB Planaltina-DF. Atualmente é assessora de comunicação da Prefeitura de Cavalcante-GO.

Mariana Paiva Soares

Formanda em Comunicação Organizacional pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Trabalha como *social media* do projeto Jovem de Expressão e tem experiência com assessoria de comunicação e imprensa, produção audiovisual, assistência de produção, elaboração de projetos, roteiro e fotografia. Foi roteirista do documentário *Poeira que ainda respiramos*, que fala das memórias da ditadura militar na UnB. Como fotógrafa, participou da exposição *Lembretes do Existir*, na galeria Risofloras.

Michele Duarte da Silva

Licenciada em Ciências Naturais pela UnB, ingressou no ano de 2015 na Universidade. Hoje, atua no sistema socioeducativo da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF).

Renísia Cristina Garcia Filice

Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e de Gênero, da Faculdade de Educação da UnB (Geppherg-FE/UnB). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab-CeamUnB) e da Comissão de Acompanhamento de Políticas de Ações Afirmativas na Pós-Graduação da Universidade de Brasília (Capaa/UnB).

Vitória Carolina Silva Duarte

Mestra e doutoranda em Engenharia Mecânica na Universidade de Brasília (UnB). Graduada em Engenharia Mecânica pela Universidade de Brasília (UnB), tem especialização em Engenharia em Segurança no Trabalho pelas Faculdades Cruzeiro do Sul.

Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas no marco dos 60 anos da UnB

Esta obra vem coroar os 60 anos da Universidade de Brasília, uma Universidade à frente de seu tempo, que tem pontos a serem superados, mas que não estagna.

A cada ano a UnB avança e desponta no cenário nacional como uma das maiores referências do Brasil e da América Latina. Ano a ano, pouco a pouco, a sociedade diversa se faz presente no interior da UnB, e esta se espalha Brasil a fora formando pessoas tecnicamente competentes, humanamente sensíveis e socialmente comprometidas com um outro mundo possível, antirracista, antissexista e tecnicamente qualificado.

Existem ainda grandes desafios a serem superados, inclusive no monitoramento da política, em particular na permanência, mas já colhemos resultados que revelam quão potentes são as políticas afirmativas para mudar o mundo – sim, sonhamos alto.

Nesta obra, os relatos e pesquisas das mulheres negras não deixam dúvidas do quanto podemos sonhar e realizar. Ademais, timidamente, as novas epistemologias estão em curso, os novos currículos, as novas formas de ser e estar no mundo se articulam de forma inter, multi e transdisciplinar.

Renísia Filice